

PENITÊNCIA e MORTIFICAÇÃO

Na práxis e no ensinamento do bem-aventurado Alberione

O tempo forte, tempo favorável, da Quaresma revela-se como uma oportunidade muito preciosa para conhecer melhor e refletir junto sobre os temas da penitência e da mortificação segundo o bem-aventurado Alberione.

1. A **PENITÊNCIA** é entendida quer na acepção etimológica de arrependimento, de convite à conversão, de mais pontual orientação a Deus no itinerário de conformação ao Mestre Divino; e quer na acepção concreta de “obras de penitência”.

Na obra *Breves meditações para cada dia do ano*, em referência à quarta-feira de cinzas, padre Alberione escreve: «A Quaresma prepara-nos a participar aos frutos da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus com a penitência e as obras boas». E, em sintonia com outros autores, também ele define a quaresma «um grande retiro feito pelos cristãos do mundo inteiro, que se preparam para a vida nova, e ressurreição em Cristo. Imitam-se o retiro e o jejum de Jesus».

Um “grande retiro”, portanto. Marcado por “penitência” e “obras boas”.

Sabemos que o Fundador não estabeleceu para a Família Paulina penitências especiais de tipo corporal. Não pode, porém, surpreender quanto ele tinha proposto para si mesmo por ocasião dos exercícios espirituais, vividos em 1922: «Vou reduzir o alimento até um pouco mais do que o necessário – vou programar o descanso de modo que me mortifique – usarei a disciplina três vezes por dia em espírito de penitência e como prevenção – se o cilício não bastar». É espontâneo perguntar-nos: porque padre Alberione – e provavelmente também padre Giaccardo, Mestra Tecla, Madre Escolástica, André Borello, e outros – não hesitava a recorrer a penitências daquele tipo?

Mas, conhecendo bem nossa fragilidade, padre Alberione preferia orientar-nos a penitências de tipo positivo, isto é, à aplicação máxima em todos os compromissos da vida diária. É ele ainda a guiar-nos com indicações muito acertadas. Eis quanto recomendava na meditação matutina de 27 de fevereiro de 1952, quarta-feira de cinzas:

«Quais penitências propor para a Quaresma? Poderíamos aconselhar muitas.

A caridade paciente é a primeira penitência; caridade benigna... (cfr. Cor, 13,1ss); caridade paciente com todos, e também com nós mesmos.

Outra penitência: a vida comum, a pontualidade a cada horário: *“mea maxima pœnitentia, vita communis”*, dizia São João Berchmans.

Outra penitência: o exercício rápido, diligente do apostolado, feito com espírito sobrenatural.

Mas queria esta manhã aconselhar e propor, antes de toda outra, a penitência da oração, da devoção: a qual compreende todas as práticas de piedade do dia, da semana, do mês, do ano.

1. Fazê-las todas essas práticas; fazê-las inteiramente.
2. Fazê-las com o espírito das Constituições. Honrar Jesus Mestre Caminho, Verdade e Vida; sintonizar toda prática com esse espírito, sobretudo a Visita ao Santíssimo Sacramento. Há Visitas que precisam ser radicalmente revistas e melhoradas.
3. Estudar o Mestre divino. Ler o Evangelho; procurar entendê-lo, compreendê-lo bem.

Intensificar a prática das virtudes: da humildade, da caridade; e preferir nesta Quaresma orações de penitência, quais: o *Miserere* [Sl 51/50], o *De profundis* [Sl 130/129]...

Assim nos prepararemos a uma Santa Páscoa».

Além dos convites às formas mais usuais de penitência – caridade paciente, vida comum, exercício diligente do apostolado realizado com espírito sobrenatural – causa impressão aquela expressão insólita “penitência da oração”. Mas o que ele entendesse com aquelas palavras é de uma clareza solar! “Fazer inteiramente as práticas de piedade”, vive-las “honrando Jesus Mestre Caminho, Verdade e Vida (isto é, com método paulino), sobretudo a visita ao Santíssimo Sacramento; esforçar-se a “estudar o Mestre divino” lendo o evangelho e procurando “entendê-lo, compreendê-lo bem”; intensificar a prática das virtudes da humildade e cada caridade!

2. Coligado com o tema da penitência está o da **MORTIFICAÇÃO**. Se o tema da penitência é mais referido a um período do ano, o tema da mortificação é muito mais amplo, ocupa o ano todo e todos os setores da nossa pessoa, enquanto é profundamente conexo com o itinerário de cristificação.

Desde o *Preambulo do Donec formetur Christus in vobis* o Fundador evidencia “o exercício da mortificação”; e, lembrando Santo Inácio, sublinha a finalidade da mortificação: “formar a vontade indiferente às coisas criadas: saúde ou doença, louvor ou humilhação, riqueza ou pobreza, etc.” Portanto, depois de haver lembrado o exemplo de Jesus – «Christus non sibi placuit» [Cristo não procurou comprazer a si mesmo, Rm 15,3] -, acrescenta: “Mortificação da inteligência, da memória, da vontade, da fantasia, do coração, dos sentidos externos. Isto detalhadamente; onde esses santos excessos e repetição frequente realizem mais depressa o hábito e a morte do homem velho” (DF 11-12).

A seguir, padre Alberione liga inseparavelmente a mortificação com a missão, o apostolado. No *San Paolo* de janeiro de 1951, ele lembra fortemente que “todos devem e todos podem de alguma forma exercer o apostolado”. E, como outras vezes, enumera os tipos de apostolado: o apostolado do exemplo; o apostolado da oração; o apostolado tão eficaz da vida interior e do sofrimento; o cumprir santamente os próprios deveres sociais, que sempre são uma ajuda ao corpo místico de Jesus Cristo.

Esclarece, depois, que “o verdadeiro apostolado é um doar-se, em oposição ao egoísmo, ao interesse, à vã glória, ao tolo desejo de produção”. Exige muita mortificação, portanto. De fato, “o apostolado supõe o espírito de sacrifício, sacrifício de dinheiro, de tempo, de saúde, de estima. Ele inclui desilusões, críticas, oposições, muitas vezes também por parte daqueles dos quais menos se esperaria; talvez também das pessoas das quais se está procurando a salvação eterna, ou que receberam benefícios...”. Daqui:

«Entender bem a mortificação. Há mortificações negativas e positivas. Não se extenuar com privações, mas fortificar o organismo para zelar. Os apostolados feitos convenientemente são uma mortificação positiva. Não comprimir, mas desenvolver as energias e empregá-las para a glória de Deus pelas almas: no ensinar, administrar os Sacramentos, dedicar-se aos apostolados extraordinários e tradicionais. Jesus *fatigatus ex itinere*».

O Fundador deseja, portanto, que “entendamos bem” a mortificação. Deseja, certamente, que não transcuremos a mortificação negativa (pequenas, mas significativas renúncias ou privações físicas para reforçar a vontade), mas quer nos orientar decididamente à mortificação positiva. Não

estaremos fora do seu pensamento se mudássemos o termo mortificação em “vivificação”: é isto de fato quanto padre Alberione entende!

Alguns anos mais tarde volta sobre o tema no *San Paolo* de 1954. Intitula o discurso: *A lei da mortificação*, e afirma com vigor:

«É *universal*. Todo bem, que se deseja fazer, requer ou negar algo à parte inferior ou exigir algum esforço.

Assim para o bem espiritual, a oração, o estudo, o apostolado, a observância religiosa, etc. Também a diversão, a limpeza, o viver em família e em sociedade, o comércio, uma alimentação regrada, a conservação da saúde, obter confiança e estima junto às pessoas, etc. requerem mortificação. (...).

Universal porque se estende a todo o ser: mente, coração, vontade, fantasia, olhos, tacto, língua, memória, toda paixão. (...).

O fim da mortificação é positivo, isto é, cooperação na justa direção.

O nome ressoa quase como *mortuum facere*, isto é, estabelecer a vontade rainha e que possa dirigir o olho, como a memória, a língua como a fantasia; ora diretamente ora indiretamente; como se fossem cadáveres que não se opõem.

Três máximos bens teríamos pela mortificação se feita retamente: salvação, perfeição, apostolado.

As várias denominações com as quais é indicada a mortificação esclarecem o conceito, a necessidade, o fim.

Na Sagrada Escritura adquire muitos nomes: *renúncia* “qui non renuntiat...”; *abnegação* “abneget se metipsum”; *mortificação* “Si autem spiritu facta carnis mortificaveritis”; *morte* “mortui estis”; *sepultamento* “consepulti”, *despojamento* “expoliantes vos”; *luta* “bonum certamen”.

Hoje em dia ouve-se frequentemente: *reforma, governo de si, desapego, educar a vontade, revestir-se de Deus, viver em Cristo, orientar-se para Deus; esforço, sacrifício, vigilância*».

Um texto de relevo extraordinário. E muito, muito atual!

Da “lei da mortificação” não se pode eximir de modo algum, do momento que – como dirá noutra ocasião – “nenhum bem pode ser adquirido no mundo sem sacrifício, sem mortificação”. A mortificação tem como fim “estabelecer a vontade rainha”, traz grandíssimos bens, e tem um claríssimo fundamento evangélico. Notável, além disso, que o Fundador mesmo proponha outras denominações: “governo de si”, “educar a vontade”, e até “revestir-se de Deus”, ou até mesmo “viver em Cristo”. Quanto seria envolvente se o termo mortificação evocasse imediatamente a cada um de nós o revestir-nos de Cristo!

Se quiséssemos, enfim, coligar o tema da mortificação à Quaresma, também aqui não faltaria uma pontual sugestão do Fundador. Falando às comunidades da Família Paulina em Roma, dia 5 de março de 1952, ele afirmava:

Na quaresma, especialmente, faça-se com generosidade a mortificação da manhã: o levantar-se com solicitude, em penitência dos nossos pecados¹. Começar bem o dia significa começar bem a vida. Uma juventude estudiosa, virtuosa, uma juventude de caráter firme, preludia uma idade adulta rica de atividade, de merecimentos e socialmente útil. Como é belo, de manhã, em tempo, encontrar-nos todos unidos aos pés de Jesus para receber dele a luz, a graça necessária para começar com ele o dia e depois ir rapidamente ao apostolado!».

Perfeito. Quem vai querer ser o primeiro a acolher esse convite?

padre Guido Gandolfo, ssp

¹ Escreve padre Antonio Speciale no seu Diário que na noite precedente, padre Alberione “vai ao refeitório do vocacionário, e ao Sacerdotes e Irmãos que haviam chegado um pouco antes à mesa, recomenda de se levantarem todos pela manhã às 5 horas, para se encontrarem em tempo na Cripta às 5,30: “Isso digo-o a todos e não somente para alguns”. Depois deseja “Bom apetite!” e sai” (Cfr “Diário”, 5 de março de 1952)

Scrive don Antonio Speciale nel suo *Diario* che la sera precedente, don Alberione «va nel refettorio del vocazionario, e ai Sacerdoti e Fratelli che sono arrivati un po’ prima a tavola, raccomanda di alzarsi tutti al mattino alle ore 5, per trovarsi per tempo in Cripta alle 5,30: “Questo lo dico per tutti e non solo per alcuni”. Poi augura “Buon appetito!” ed esce» (cf “*Diario*”, 5 marzo 1952).